



O CURRÍCULO CULTURAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATOS DE PRÁTICA E MICHEL FOUCAULT*

*THE CULTURAL CURRICULUM OF PHYSICAL EDUCATION:
PRACTICE REPORTS AND MICHEL FOUCAULT*

*EL CURRÍCULO CULTURAL DE EDUCACIÓN FÍSICA:
RELATOS DE PRÁCTICA Y MICHEL FOUCAULT*

Ricardo Manavello Gardenal

ricardo.m.gardenal@gmail.com

Mário Luiz Ferrari Nunes

mario.nunes@fef.unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

PALAVRAS-CHAVE: *Educação Física; Currículo Cultural; Relatos de Prática.*

ENTRADAS

Esse trabalho visa ampliar a visibilidade das discussões do território existencial da pesquisa em Educação Física escolar, em especial do currículo cultural (CC), atravessadas pela obra de Michel Foucault. Trata-se de uma experiência cartográfica, ou melhor, uma inspiração cartográfica², pela forma como os caminhos foram sendo percorridos sem objetivos predeterminados, sem métodos fechados ou protocolos, pela livre experimentação das potências que surgiram como virtualidades nas análises.

O tema surgiu de uma vontade de pesquisar a maneira como o currículo cultural acontecia na prática. Para tanto efetuamos a análise de relatos de experiência, disponíveis no site do Grupo de Estudos em Educação Física Escolar da USP³. Foram selecionados quatro relatos, datados entre 2017 e 2018, de trabalhos realizados com turmas de ensino fundamental II. O objetivo dessas análises, como anunciado, foi sendo produzido e ressignificado ao longo do processo.



* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Inspirada por Passos *et. al.* (2015).

³ <http://www.gpef.fe.usp.br/index.php/relatos-de-experiencia/>



OLHARES

Como base teórica, que atravessa a lente pela qualos significados são produzidos, abordamos os princípios e encaminhamentos didático-metodológicos, que pautam o CC, e algumas noções conceituais de Michel Foucault. Realçamos, em especial, a maneira como sujeito, poder e verdade se relacionam na produção daquilo que nos tornamos, bem como as noções de cuidado de si e práticas de liberdade, compreendidas, genericamente, como atitudes de cuidado com a forma como as forças nos produzem e nos conduzem, possibilitando pensar em práticas que possam ir além delas, libertando-se de algumas, produzindo outras, optando pelas maneiras de se governar e ser governado.

Dentre os resultados produzidos destacamos, neste texto, alguns pontos gerais que conectam as práticas do CC com algumas das noções conceituais formuladas por Michel Foucault. De forma geral, essas conexões são possíveis nos momentos de experiências de problematização e de aprofundamento, realizadas a partir das representações enunciadas pelos discentes. Se nós nos governamos e governamos aos outros a partir das verdades, parece que uma prática que traz novas verdades, pontos de vista, posições de sujeitos envolvidas, que duvida do óbvio, permite um olhar mais crítico por parte dos alunos, possivelmente capaz de perceber de que maneira aquelas forças se consolidaram e conduzem os sujeitos e a si mesmo. Faz crer que a partir da experiência de problematização é possível cuidar de si de outra forma, governar-se com mais cuidado, e até criar novas relações e formas de representar e de atuar no mundo. A esse último ponto aproximamos o conceito de práticas de liberdade, e vislumbramos a possibilidade de uma vida mais criativa, artística, para além dos limites dos mesmos efeitos de verdade e de poder.

Relacionamos, ainda, as práticas de protagonismo discente como maneiras interessantes e potentes de proporcionar uma ética, uma forma de se conduzir, mais ativa em relação aos usos do poder. Uma maneira, ainda, de dar mais voz a quem não costuma ter voz e de possibilitar um fluxo de poder, com espaço para manifestações de resistência.

EFEITOS A CONSIDERAR

Os resultados do estudo permitiram ressignificar os usos do poder docente. As práticas de governamento das aulas não são necessariamente repressivas e negativas. Masschelein e Simons (2014) nos inspiram a pensar a disciplina, em certa medida, como necessária para que as pessoas consigam se colocar em uma posição inicial de abertura ao estudo, às atividades de aula, de desconstrução, de suspensão dos códigos sociais, para experimentar outras possibilidades de ser afetado e afetar.

Suspendemos a experiência compartilhando as maneiras pelas quais a pesquisa possibilita novas leituras sobre a prática, sobre o currículo cultural, sobre os relatos de experiência, que potencializariam novas escritas de cada um desses elementos, dando movimento à arte do pensar e fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. *Em defesa da escola: uma questão pública*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

